

SERMAM

DE

S. JOAÕ DA CRUZ,

QUE FEZ

O P. LOURENÇO RIBEIRO,

OFFERECER

A O SENHOR

FERNAM TELLES

DA SILVA,

CONDE DE VILLARMAYOR, &c.



LISBOA.

Na Officina de MANOEL LOPES FERREYRA.

M. D. C. X C I I I.

Com todas as licenças necessarias.

SERAM

DE

S. JOÃO DA CRUZ

QUE FEE

O P. LOURENÇO RIBEIRO

OPRIMO

A O S E N H O R

FERNAM TELLES

D A S Y L A

CONDE DE VILLARMAJOR



L I S B O A

Na Officina de MANOEL LOPES FERREIRA

M D C X C I I I

Com todas as licenças necessarias



SENHOR.



O Sermaõ, que dediquei ao Excellentissimo Senhor Marquez de Alegrete, pay de Vossa Senhoria, busquei o patrocínio do ditto Senhor para o poder imprimir; neste reconheço a benignidade de Vossa Senhoria para lho offerecer: não he justo que os erros do discurso no rude estylo, com que falo, fação desmerecer alguma cousa o affecto, com que o dedico. Quanto mais, que

valendo nada o Sermaõ por meu, já
fica merecendo que todos o estimem
por offerecido à Pessoa de Vossa Se-
nhoria, que Deos guarde muitos an-
nos, &c.

O Sermaõ, que de-
quei ao Excellen-
tissimo Senhor Marquez
de Alegrete, pay de
Vossa Senhoria, por
quei o patrocínio do
dito Senhor para o poder imprimir;
nesta reconhecço a benignidade de
Vossa Senhoria para lho offerecer;
naõ he justo que os erros do discur-
so me rube e stylo, com que falo, fazeão
delinquer alguma cousa o affecto
com que o dedico. Quanto mais que



SINT LUMBI VESTRI PRÆCINCTI.

Luc. 12.



CONFESSO que são innumeraveis as virtudes de S. João da Cruz, que tenho para louvar, & me faltaõ atê as palavras para applaudilas. Quem não vê já, que no panegyrico, que fiz a este Santo, supposto que não hey de parecer suspeito, por ser estranho, ficarei muito diminuto, por carecer de todas aquellas noticias, que tem os proprios? Terribéis difficuldades me cercaõ; porêem os motivos da desconfiança haõ de ser as causas do alento. O que me houvera dè obrigar a temer, ha-de ser a mayor rafaõ para animarme: o que por sua essência se engrandece, naõ necessita de eloquencia alhea, que o magnifique. Santidade, que se manifesta por si mesma, naõ ha mister muitos periodos, que a declarem; por isso de todo o Evangelho de hoje-me naõ valerei mais que das primeiras quatro palavras, que citei por Thema: *Sint lumbi vestri præcincti*, quanto a locuçãõ for menos; tanto os elogios seraõ mais. Conhecerseha, que he começar a dizer, naõ he acabar de applaudir. E só entãõ fica o assumpto cabalmente engrandecido, quando a eloquencia, que começa a applaudillo, o naõ acaba de louvar.

Ao Baptista começou a louvallo a Sabedoria increada: *Cæpit Matth. Jesus dicere de Joanne*, entendeo, que o mais perfeito panegyrico do mayor dos nascidos, era tocar em poucas palavras o que com dilatada locuçãõ se naõ podia comprehender. Tudo o que disser neste dia, seraõ principios dos louvores de S. João da Cruz. Como naõ he possivel comprehender as suas virtudes, para exagerallas todas, começarei a louvar hũa só, para que dahi se infira a grandesa das mais. Do pouco que disser, se colherã o innumeravel, que he impossivel louvar. Todos sabem o grande, o dilatado, & o profundo do mar, ainda que ninguem o vadee. O podermos chegar

sómete às prayas, dõde parece q̃ principia a vastidão das suas agoas, não faz que erre o nõsso discursõ, suppondo-as pouco dilatadas; antes do menos, que chegamos a ver, inferimos o mais que com a vista não podemos averiguar. Mar de santidade he o glorioso S. João da Cruz; porque estã tão abundante de virtudes, como o Oceano de agoas. O falar sómente em algũas, não he negarlhe a numerosidade das mais; ponderar hũa só não he suppor falta das outras; por isso accomodandome às palavras do thema: *Sint lumbi vestri praeinerti*, me coarctarei cõ o principio do Evãgelho á primeira acção da sua vida: *Qua prioris ipsius vita ratio fuerit*, já que não espero acabar de o applaudir, contentarmehey sómente com começar a louvallo. Servirmeha do Evangelho o principio, & da sua vida a primeira acção no appellido da Cruz; para o fazer com acerto necessito da graça. *Ave Maria.*

Sint lumbi vestri praeinerti

A Pertos na vida encomenda nõsso Redemptor aos que de-sejaõ salvarse. Não exprime com quantas virtudes devemos cingirnos; porque suppõem que de todas se deve tecer a gala do Ceo, com que nos devemos adornar; só diz expressamente que vivamos com apertos: *Lumbi praeinerti*; mas que apertos são estes? Cuido que no appellido de S. João da Cruz se manifestaõ os apertos, que o Evangelho nos inculca. Lã mandou o Senhor, que os que houvessem de seguillo, se negassem a si, & carregassem as suas cruces: *Abneget semetipsum, tollat Crucem suam, & sequatur me*, como o negar-se a si he dos apertos o mayor, para entendermos que esta he a mais apertada Cruz, diz o Senhor, que o seguiremos com as nõsças, quando nos negarmos a nõs mesmos; porẽm no sentir de S. Basilio, esta cruz, ou este aperto da negação de si proprio parece que he o cume de toda a perfeição dos mayores Santos: *Abnegatio sui nihil est aliud, nisi summa rerum omnium superioris vitae oblitio, atque à sui ipsius voluptatibus recessio*. E se eu prometti prégar de S. João da Cruz, louvando a primeira acção de sua vida, como hey de ponderar o seu mayor aperto na negação de si proprio, que he a ultima acção, por onde os mayores Santos acabarão? Respon-do, que eu já disse, que S. João da Cruz era hum mar de santidade; & se o mar começa por onde os rios acabaõ, claro estã que não havia de começar a virtude de S. João da Cruz, senão pelo mayor aperto da negação de si mesmo, & da sua Cruz propria, por onde

Matth.
16.

Basil. in
te 6. in
regul.

onde se acaba de aperfeiçoar a virtude dos outros Santos.

A differença que ha entre os rios, & o mar, he que os rios começam de pequenas fontes, & acabaõ em caudalosas correntes: começaõ com agoa pouca em hum regato breve, & acabaõ com muita inundação em hũa foz dilatada; finalmente começaõ da terra, & acabaõ no mar. Só este tem a singularidade de começar grande; por isso principia donde os rios acabaõ; nas prayas aonde os rios achão termo a suas correntes, reconhece o mar dilatado principio de suas agoas. No mesmo lugar, aonde os rios acabaõ grandes, começa o mar crescido, & fica mayor que os rios todos. Isso mesmo he o que vemos em S. João da Cruz, se o comparamos com os mais Santos. Huns são poços de virtudes, & mananciaes de santidade, como se diz da Espoia dos Cantares: *Fons hortorum, puteus aquarum viventium*, outros são copiosas fontes, como chamou S. Pedro Damiaõ aos Apostolos, representados nas doze fontes de Elim: *Quid duodecim fontes, nisi duodecim Apostoli?* Alguns são caudalosos rios; por taes reconhece Hugo Cardeal aos Doutores da Igreja: *Flumina sunt Doctores Legis divina, qui rigant hortum Ecclesie aquis doctrinae, & sapientiae*. Só S. João da Cruz he mar de santidade; porq̃ começou pela Cruz, & aperto da negação de si mesmo, que he a mayor perfeição dos justos, por onde todos acabaraõ. Bem posso logo para louvar a este Santo, tomar por assumpto a sua primeira acção, ainda que seja a ultima de todos. Demos principio ao discurso.

A primeira cousa q̃ nos encomenda o Evangelho na celebridade de S. João da Cruz, são apertos: *Lumbi praecincti*, & a primeira acção de sua vida he a mortificação, que nos manifesta a Cruz do seu appellido; nem a Cruz serve mais que para padecer, nem os apertos se dirigem menos que a mortificar. Ajuntando pois a Cruz do sobrenome com os apertos do Evangelho, bem deixa ver se já a excessiva mortificação, com que este glorioso Santo começou a servir a Christo; & a razão he; porque denotando a Cruz a morte mais rigorosa, o Evangelho inculca multiplicados apertos, & mortificações, que sollicitava aquelle generoso espirito, como se a hũa só Cruz do appellido para ser grande, houvessem de corresponder tantos apertos do Evangelho: *Lumbi praecincti*; mas se he o mayor valor o de quem resiste a muitos contrarios, & se se acredita de mais dura a pedra, que não obedece a muitos golpes, o espirito de S. João da Cruz já fica qualificado de heroico, por se não render aos apertos da sua Cruz, ainda quando

Cantic.
cap. 4.
Petrus
Damianus.
Hugo
Card.
tom. 2.
p. 97.

mais apertado das mortificações, que anelava.

Na escola dos trabalhos, mortificações, & molestias, se graduou em todos os seculos a heroicidade: servio-lhe sempre de meyo para alcançar eterna fama, o muito que tolerou. Nem pôde haver mais agradável espectáculo, que ver a hum espirito abraçar animoso os trabalhos, para deixallos vencidos. Se o triumpho he de quem vence, muitos conseguio o animo, que combatido do rigor das molestias soube superar a todas, & a nenhũa cedeo. Que vista pôde haver mais gloriosa, que a daquelles golpes, que quizerão contrastar a nossa constancia? Alli tem o espirito toda a razão de se gloriar, aonde pode a tyrannia apartallo do corpo, sem que o fizesse ceder; porque o mayor timbre de hum animo generoso he triunfar das molestias, convertendo em trofeos de gloria propria as mesmas feridas, que executou a ira alhea. Quando os Anjos perguntarão a nosso Redemptor, que eraõ as Chagas, que se lhe vião nas mãos, respondeo o mesmo Senhor, que eraõ prendas, que recebeo dos que o amavaõ: *His plagatus sum in domo eorum, qui me diligebant*; mostrou que tendo desejo de padecer, o lisongearão os homens em lhe dar occasião de as sentir; por isso havendo de apparecer no Ceo glorioso, manifestou as Chagas nas mãos, para se ver que ellas lhe davaõ a gloria às mãos cheas.

Zachar.
cap. 13.

Cland.

Nos fugeitos grandes o tormento, que se padeceo, foi gloria q se conseguiu. A molestia que combateo o animo, foi trofeo de que se adornou o espirito. Mede-se o triumpho, que se consegue, pelo trabalho, & pena que nos mortifica. Em a nuvem carregada de penas se fragoãraõ os rayos de valor, que deslumbrãraõ ao orbẽ todo com a claridade de sua luz. Preciosas chamou Claudiano às tempestades, que succediaõ no Tejo; porque a furia dos ventos quando lhe alteravaõ as agoas, communicavaõ mais o ouro de suas areas. Ficava o rio correndo entãõ com mais prego, quando da tempestade estava mais combatido. O escudo melhor parece abolhado, q luzido. Nenhum espirito grande soube estimar muito o que lhe custou muito pouco; porque os corações alentados desdenhãraõ sempre para grinalda as flores, que ao primeiro abrir da mão conseguiraõ. Ordinariamente estimamos pouco tudo o q facilmente alcançamos. Sõ o que nos custa mais, parece merecer-nos toda a estimação, que lhe damos. A Jacob amou-o mais Lia, q Raquel, & com tudo só a segunda logrou a primazia, ou a singularidade do seu amor: *Amorem sequentis prioris prætulit*. Só a Raquel soube o coração de Jacob dedicar todos os affectos. Como Lia foi alcan-

Genes.

alcan-

alcançada sem desvelo , & por Raquel chegou a servir quatorze annos , elegeo Jacob parecer ingrato a Lia, que mals o amava, para dedicar todo o seu amor só a Raquel , por quem tantos annos servira.

O que a menos custo se alcança, não merece estimação excessiva; porque só as molestias que padecemos, fazem que valha mais o que por ellas conseguimos. Lá offereceo Abner a David entregarlhe todo o Reyno de Israel , & respondeo aquelle Principe , q̃ nem o admittiria a falarlhe , se primeiro lhe não restituisse a Micol, que havia merecido por esposa por cem Filisteos, que degollára: *Non videbis faciem meam antequam adduxeris Michol filiam Saul*, ^{2 Reg. cap. 3.} na estimação de David valia o Reyno menos; porque não havia arriscado a vida, & derramado o sangue por conseguillo. Só Micol valia mais, pois havia batalhado com cem Filisteos por merecella. Por isso no Empyrio, como notou S. João em o Apocalypse, havendo de se dar a gloria toda ao Filho de Deos, não disserão os Anjos, que como a Pessoa Divina lha davaõ; só affirmaraõ, que pelo que padecera a merecia: *Dignus est Agnus, qui occisus est, accipere virtutem, & divinitatem, &c.* he que a mayor gloria que se possuiue, consiste toda só no que se padeceo. Não a merecemos pelo que somos, senão pelo que sentimos: devemola às penalidades, q̃ toleramos, pois só por ellas a merecemos.

E que melhor prova pôde ter esta verdade, que o glorioso objecto da celebridade presente? Fundou S. João da Cruz a sua gloria nas penalidades, crendõ que nas occasiões de padecellas tinha infalliveis motivos para se gloriar. Se no que padecemos està toda a gloria que gozamos, claro està que para S. João da Cruz haviaõ de ser a mayor gloria as suas penas; pois està o merito da que se possuiue, só no q̃ se padece; não consiste no q̃ logramos venturosos, senão no q̃ vivemos penalizados. E agora acabo eu de averiguar, q̃ a honra não està no que a dà, nem no que a recebe; porque he só de quem a merece. Como o fazer honra a outrem não he padecer, & como tambem o accitalla não he trabalhar, nem o que a dà, nê o que a aceita, pôdem nomealla propriamente por sua, pois lhe falta o merito das penas, & mortificações, q̃ costuma approprialla aos que padeceraõ. O espirito de S. João da Cruz não quiz outra honra, que os mesmos trabalhos, não appeteeo outra gloria, que a das suas penas. Buscando muitos as mortificações, como meyo, & caminhos para a gloria, que desejaõ alcançar, S. João da Cruz buscou-as só pela gloria de as padecer. Como dellas sahẽ os su-

geitos muito benemeritos, por ellas queria ver-se tambem o mais glorioso; porque não appetecia as penas pela gloria, q̃ depois dellas costumaõ todos possuir; fundava só no padecellas a sua gloria.

Todos sabem que das empresas, & acções mais heroicas tomamão os heroes os seus mais gloriosos appellidos. Não repito os nomes dos que se referem no sagrado Texto, & nas letras humanas, assim por não cançar aos que me ouvem, como tambem por entender, que a quem os sabe melhor que eu, seria offensa o repetir-lhos, & só pôde ser lisonja o callallos: quanto mais que basta por todos o objecto da celebridade presente: *Unum pro cunctis fama loquatur*, digo só que todos temos hum nascimento para a vida; & podemos ter outro para a heroicidade, hum quando nascemos, outro quando obramos. No primeiro temos nome, que nos dà a vontade alhea; no segundo adquirimos renome, que nos conseguem as obras proprias. Quem pois quizer saber quaes forão as de S. João da Cruz, na que lhe serve de appellido verá recopilado o que padeceo; porque na mesma Cruz, que tem por renome, está manifesto o glorioso titulo, que lhe grangearão as suas mortificações. Como toda a sua vida foi hũa pesada Cruz, com que seguio ao Redemptor, appellidou-se della, não tanto para mostrar que se honraya de a padecer, quanto por nos mostrar que, sendo seu, tinha obrigação de a não deixar. Por isso o Evangelho na preséte celebridade, para lhe fazer o mayor elogio, só declara os apertos, & mortificações, com que S. João da Cruz se cingio, para não deixar de os padecer: *Lumbi praeincti*.

Se consiste a mayor gloria dos justos no padecer, não havia de propor o Evangelho para os applausos deste São mais que o peso da sua Cruz, & os apertos, que o mortificarão. O mar, que he representação propria do grande da sua virtude, parece que está comprovando a verdade deste meu pensamento. Todos dizem q̃ o nome de mar se deriva de amargura; porque quanto se estende o mar em suas agoas, tanto se manifesta abundante nos amargores. Nas prayas, na superficie, & no mais profundo, não admite porção algũa de agoa o mar, aonde se não sinta amargor sempre. Mar he de santidade o glorioso S. João da Cruz, tão copioso nas virtudes, como abundante de mortificações: no recolhido do claustro, no alto das contemplações, no profundo da humildade, & no extenso das virtudes todas, sempre o havemos de ver hum mar de amarguras, hum aggregado de penas, & hum Santo rodeado todo de angustias, & cercado de apertos. Parece que assim como se não

creou o mar, senão para ter amargores em suas ondas, & agoas; assim também S. João da Cruz nasceo sómente para sentir dissabores, & molestias em todas as suas acções; por isso se appellida o mar dos amargores, que encerra, & S. João da Cruz pelos apertos que o mortificação. Denomina-se o mar amargo pelo dissabor, que lhe achamos até na porção de agoa mais minima; & chama-se S. João da Cruz pelos apertos, & mortificações, que reconhecemos até na menor acção de sua vida.

Nas prayas está o mar continuamente beijando com humildade a areia, que o opprime, & tem preso; nem a refaca he mais que húa continuada cortesia, que fazem as ondas, retirando-se abatidas. Mas nesta mesma humildade, com que o mar corteja aos pequenos grãos de areia, veremos quebrar-se as agoas, desfazer-se as ondas, & gemer o mesmo Oceano, publicando com roucas vozes, & repetidos estrondos, o trabalho que continua, & a opposição das areias, & pedras, que lhe resistem, & o encontrao. No alto agouta-o os ventos ao mar, como querendo-o tirar de sua esfera: cruza-o no furioso, & inquieta-o no violentos; & supposto que lhe não altera-o o sossego no centro, não podemos negar, que no exterior o contrasta-o com repetidos combates. Até os rios, que entra-o no mar, não só parece que lhe querem impedir as crescentes, mas ainda manifesta-o querer-lhe comunicar a suavidade de suas agoas, sem reparar, que a quem se appellida do amargor proprio, he violencia-grãde applicar-lhe a suavidade alhea. Tudo isto que se experimenta no mar material, se reconhece no metaforico.

Aos mais humildes venerou S. João da Cruz com os mayores rendimentos, reputando-se pela mais vil das creaturas. As pessoas de menos esfera (que sempre são estas que costumao fazer aos justos mayor opposição) trattou com mayores obsequios. Continuo foi o carinho, com que correspondeo aos que injustamente se lhe oppunha-o. Nunca as murmurações dos oppostos puderão alterar aquelle animo. Por mais que se augmentassem as tribulações, nunca foi menos, nem o pode parecer o sossego daquella alma. Vi-o mundo sempre a este glorioso Santo atribulado, & perseguido; porém nunca pode ver descomposta a perfeição dquelle espirito. Esteve sempre alli a virtude como em seu centro; por isso o rigor das tribulações a não alterou, ainda que imitasse a furia dos ventos no mar, que por mais que o combata-o, nunca lhe altera-o o centro. Que de vezes correra-o os gostos a buscallo, & os converteo o Santo em amarguras? Como não queria viver senão
aper-

apertado, & afflicto, as mesmas suavidades dos gostos recebia como molestias; porque não eraõ como os queria. Tanto se havia cingido com as mortificações, que os mesmos gostos, quando o buscavaõ para o divertir, só lhe serviaõ de o mortificar; porque como desejava sómente tudo o que podia magoallo, nos contentamentos humanos achava a pena sempre de o buscarem como gostos, suspirando nelles tanto pelas penas. Até a pureza da sua vida, sendo o que lhe agradava mais que tudo, com a publicidade o mortificava; contentando-se della no exercicio, o affligia no applauso; quanto se satisfazia della, quando servia mais a Deos, tanto se mortificava, se lha louvavaõ. Tendo o seu gosto posto só na virtude, achava summo desagrado na plausibilidade. Como em tudo queria ser afflicto, até da sua virtude propria tomava a bondade para merecer, & o applauso para se mortificar.

Quem não aborrece os applausos, não tem o mayor amor à virtude; a mais heroica, assim como ama as boas obras, assim tem odio à noticia. Bom he obrar o que mereça applaudir-se; mas seja de modo, que se fuja à plausibilidade; porq̃ não está o mayor applauso do justo só em o merecer, senão em o desestimar. A mayor virtude, a mais heroica, he a que se satisfaz de si mesma; quem não attende mais que ao bem que obra, nem quer que saibaõ q̃ ob a bem, porque não tenhaõ occasião de lho louvar. Diminue aos justos muito da bondade propria, pagar-se da estimação alhea. Quem visse a S. Ião da Cruz mortificado de ver manifesta a sua virtude, amandoa tanto; diria, que era igual ao gosto de a ter, a pena de lha louvarem. Como não queria ser applaudido em cousa algũa, a noticia do bem, que obrava, era a mortificação, que mais o affligia: desejava ser reputado por mau, por isso se affligia tanto de q̃ o avaliassem por bom. Lã falou Jeremias da mortificação de hum grande espirito, & comparou-o com o mar: *Magna est velut mare contritio tua*; porque assim como as correntes dos rios, que o mar administra occulto, vão publicamente parar nos amargores do Oceano; assim a publicidade das virtudes, que se exercitão escondidas, se encaminha à mortificação daquelle espirito, que as desejou encobrir, para que ninguem as soubesse.

Thren. 2

Mar foi S. Ião da Cruz, não só de santidade pela muita que teve; mas tambem de amarguras pelas innumeraveis, que sentio; pois excedendo aos numeros as boas obras, que exercitou, em todas padecço os dissabores de as ver avaliadas por boas. Que penas não sentio aquella alma sempre, vendo que todos o estimavão por

virtuoso? Que mortificação lhe não causou a plausibilidade da sua virtude? Empenhando-se o seu affecto em a exercitar, sentia q' alguma pessoa a soubesse. Tanto se empenhava em obrar bem, como em o encobrir. Entendia q' era a alma das virtudes a virtude de as occultar. Os q' tem alguma noticia das acções de sua vida, reparem no q' obrou no seculo, na Religião, & na reforma, & conhecerão q' não he encarecimento o q' digo. Secular, Religioso, & Descalço, sempre viveo mortificado, buscando occasiões de sentir, & sentindo sobre tudo ver publica a sua virtude, que desejava occultar. A verdadeira virtude sempre se acautelou dos olhos dos homêes; por isso no Evangelho de S. Mattheus encômenta nosso Redemptor, q' se não manifeste o q' obramos: *Attendite, ne iustitiam vestram faciat* Matth. cap. 6. *coram hominibus*, sabe que a publicidade do bem q' obramos, pôde suggerirnos vã gloria, para se perder o q' merecemos; por isso máda occultar a virtude, para escusar o risco da plausibilidade.

S. Clemente Alexandrino quer q' até de si mesmo recate cada hum a boa obra que executa: *Si eleemosynam facis, nemo sciat, sed neque ipse, qui misereatur, debet scire se miseri* S. Clem. Alex. *nos*, taõ occultamente devemos fazer as obras de piedade, que não só havemos de fugir dos olhos alheos, mas até dos nossos proprios. Parece demasiado hyperbole, porque se o homem ignora que obra bem, já não obra bem algum. Para a execução da boa obra he muito necessario o conhecimento, não basta o obralla, requere-se tambem o conhecella, está o merito em conhecer o que obramos: *Bonum opus non solum à materia, sed à bonitatis notione bonitatem generatur*, disse hũ doutor Expositor. Logo faltando a noticia, he necessario que tambem falte a bondade. Como se diz pois, que até nós mesmos devemos ignorar o que obramos, se para obrarmos bem havemos de saber que he bom o que fazemos? Respondo, que essa ignorancia he a sciencia das virtudes. Devem saberse os actos virtuosos quanto ao exercicio, & haõ de ignorarse para a plausibilidade. Ha de obrarse a virtude taõ occulta, que apenas possamos ter noticia della para o merito, & para o applauso havemos de ignoralla, como se a não tiveramos obrado; & a razão he; porque a publicidade da boa obra lhe tira toda a bondade, fazendo-a perder o q' merecia.

Do bem que se obra occultamente, diz Christo Senhor nosso, q' o vê o Eterno Padre: *Pater tuus, qui videt in abscondito*. Se o ver de Deos he estimar o que fazemos, parece que a publicidade do que obramos lhe desfaz o merecimento, & lhe aniquila a entidade: pois não vê Deos acções publicas, & só olha para as secretas. Essa

he

1. Reg.
cap. 16.

he a differença, que ha entre o ver de Deos, & o ver dos homens. Os homens vem o manifesto, Deos vê o escondido. Os homens olhaõ para o publico, Deos para o occulto. Os homens olhaõ à face, Deos olha para o coração. Os homens vem a galhardia do corpo, Deos a bondade, & pureza da alma. Os homens a appaiecia, & Deos a realidade: *Homo videt ea que parent, Deus autem intuetur cor*, disse o Senhor a Samuel. Compõem-se o homem de corpo, & alma; esta occulta, aquelle manifesto. O corpo anda patente sempre aos olhos, a alma só a conhece o entendimento; ninguem ha de negarme, que esta melhor porção do ser que temos, tanto he mais preciosa, quanto anda mais escondida. Bem conheceo o glorioso S. Joaõ da Cruz, que era alma das virtudes a virtude de as occultar; por isso obrando sempre bem, queria que se ignorasse o bem que obrava. Daqui vinha, que o desejo de occultar as suas virtudes lhe convertia as alheas noticias em mortificações proprias. Isso dizem as palavras do thema: *Lumbi praeinerti*. Apertou-se tão aquelle glorioso espirito, que nem deu lugar à noticia do q̃ acabava de obrar. Conhecia as virtudes, quando as obrava para as obrar como devia; mas perdia logo toda a lembrança dellas, para q̃ nem elle proprio ficasse com algũa noticia do bem que havia obrado. Como o bem que obrava, não tinha outro fim mais, que o de querer obrar bem, amava só as obras, & desestimava as noticias. E desta sorte a lembrança, que lhe ficava das suas virtudes, era o mais tyranno verdugo, que lhe augmentava as mortificações.

Matth.
19.

Persuado-me neste lugar a que S. Joaõ da Cruz, ao revés dos outros Santos, não amava os trabalhos só pelo gosto de merecer nelles, senão por ter excessivo desejo de se mortificar. Os mais justos tiverão os trabalhos, & mortificações por merecimento. Ve-se nas palavras de S. Pedro: *Secuti sumus te; quid ergo erit nobis?* Porém S. Joaõ da Cruz tomou os trabalhos, tribulações, & apertos da sua vida por merecimento, & por premio. Manifesta-se no modo com q̃ até de si mesmo queria recatar a noticia das suas operações. Apenas havia obrado, quando já estava esquecido. Parece que todo o premio do que padecia, estava só em padecello. Não aspirava a outra gloria para premio das mortificações, que tolerava, mais que o gosto de as tolerar. Quem obra bem para se esquecer do que obra, satisfaz-se com obrar bem somente, não quer premio pelo q̃ acaba de obrar. Aquella acção, de que perdemos a lembrança, já se não encaminha a outro fim, parou em si mesma. Isso tem de mais heroica, que se manifesta menos interessada; pois mostra q̃ se obrou bem,

bem, só por ser bom o que se obrou ; não porque se pretendesse outro bem diverso para premio. Obrar bem para ganhar o Ceo, he merecimento muito grande ; mas esse he o estylo ordinario, com que obrarão os Santos todos ; porèm obrar bem só pelo gosto de obrar bem, não ha duvida que faz muito singular a virtude, & a deixa mayor que todas as mais. A virtude, que se obra por ganhar o Ceo, tem por premio a gloria, que não he a mesma virtude, que a merece : porèm a virtude, que se exercita por ser virtude sómente, como não aspira a outro premio, que seja diverso de si mesma, he mayor que todas as mais ; porque se não satisfaz com o commum premio de todas.

Os outros Santos servirão a Deos para os galardoar, S. João da Cruz o servio só pela gloria de o servir. Os mais servirão-no para se veré galardoados, S. João da Cruz sómente por servillo. Os mais pelo premio, que querião merecer, S. João não o servio mais que por servillo sómente. O que excede a contrição á attrição, nos manifesta a ventagem que fez S. João da Cruz aos mais Sâtos no modo, com que servirão a Deos todos. A attrição he pesarnos de haver offendido a Deos, chorando a perda de sua graça, que desmereceo a nossa culpa ; & a contrição he chorarmos a culpa só por ser offensa feita á Bondade Divina ; a primeira olha para o que perdemos, a següda só respeita a quem aggravamos. Na attrição olhamos para Deos como quem pôde castigarnos ; na contrição só para a infinita Bondade, porque devemos servillo. Servio a Deos S. João da Cruz só pela bondade que ha em Deos ; por ser digno de o servirem ; não porque o serviço lhe merecesse outro premio, qual he o da bemaventurança, porque todos os mais o servirão. Abona-se esta verdade com aquella sua prodigiosa resposta, quando o Senhor lhe perguntou, que premio queria que lhe desse por havello servido ? Pois disse S. João da Cruz, que não desejava outro mais que o padecer por seu amor. Oh Santo mayor, que todo o encarecimento ! Bem dizia eu, que foi ao revés dos outros Sâtos.

Neste Evangelho de hoje manda Christo Senhor nosso, que se cinjão os que o houverem de servir : *Sint lumbi vestri praeinerti*, & logo diz que o esperem com o premio : *Vos similes hominibus expectantibus Dominum suum*, porèm na resposta de S. João da Cruz vejo eu que não espera pelo premio, & sempre suspira por servir. Não serve porque a gloria o haja de premiar, serve a Deos, porq o servillo basta para o satisfazer ; não quer mais premio ao que padece por servir a Deos, que o padecer por servillo. Quando elege-

Luc. 11.

mos

mos meyos para conseguir algum fim, amamos mais o fim, que os meyos, por onde o conseguimos. Logo quem serve a Deos por alcançar a gloria, mais ama a gloria, que pretende alcançar, do que o serviço do mesmo Deos, por onde a deve conseguir. Assim servirão a Deos os outros Sãos, servirão-no pela esperança do premio; porque esperavão que Deos os havia de galardoar. Mas que singular, que fino, que desinteressado, & que heroico se descobre hoje S. Ioão da Cruz! Não ama o serviço de Deos pela gloria, que isso fora amar mais a gloria, que o servillo; serve a Deos só pelo gosto de o servir, não quer que o premio de servir a Deos seja outro mais, que o servillo sómente. Quando todos os mais Santos querê premio por servir a Deos, S. Ioão da Cruz tem o mesmo servir a Deos por premio; nelle funda toda a sua bemaventurança. Não ama a Deos como todos, porque o serve como elle só. Não o ama mais que pelo amar, porque o serve só pela gloria de o servir.

A mayor finesa do amor Divino foi mandarnos Christo, q nos amassemos a nós mesmos do modo, que elle nos amava: *Mandatum novum do vobis, ut diligatis invicem, sicut ego dilexi vos.* Como vulgarmente a correspondencia do amado he o premio das finesas do amante, quiz Christo encarecernos a novidade do seu amor: *Mandatum novum*, com mostrar que nos amava só por nos amar, sem esperar que lhe quisessemos corresponder. Quando todos amão para ser amados, he singularidade heroica amar por querer amar sómente; he novo, & singular extremo, desprezar o premio da correspondencia, satisfazendo-se a vontade só com a gloria de amar: *Diligatis invicem sicut ego dilexi vos.* Este excessõ que obrou Deos para conosco na singularidade do seu amor, parece que o executou S. Ioão da Cruz tâbem com o proprio Deos. Amou a Deos pelo mesmo estylo, que Deos nos amou a nós; não por outro algum premio mais, que pelo gosto de o amar, sem querer mais que a gloria de o servir. Por isso dizendo-lhe o Senhor, que elegesse, & pedisse premio a seus merecimentos, responde, que só queria padecer por servillo. Antepoz o serviço de Deos à mesma bemaventurança, que he o premio que alcançamos pelo servir.

Os mais Santos buscão o descanso eterno por premio do que padecerão, servindo a Deos na terra; S. Ioão da Cruz não quer descansar, sempre quer padecer; não busca a gloria do Empyrio, que he o descanso de todos, anela os trabalhos da terra, aonde descansa sómente. Não quer outro premio dos trabalhos, & mortificações que padeceo mais que tornallos a padecer de novo, por

não

nao deixar de servir. Abonemos este pensamento com hũa ponderação, que por ser do mar, não parecerá de agoa doce. Que descanso achamos no mar? O accessio, & recessio de suas agoas, & continuo movimento de suas ondas, que manifestaõ, senão hum trabalho incessável, em que o mar està desde a creação do universo? Paraõ algum dia as agoas das fontes, & dos rios; porque nas prayas aonde chegaõ, o mar lhes tira as correntes. Alli descanso do trabalho de correr; porque o mar os recolhe, premiando o delvelo de o buscarem. Só o mar não cessã de moverse; de dia, & de noite, a qualquer hora, todos os instantes està o mar em hum continuo movimento; mas se parasse, como houvera de ser mar? Eis ahi a razão, porque S. João da Cruz não quer mais que padecer; sendo hum mar de santidade, havia de obrar sempre, não podia buscar descanso algum, pois o mar o não admite; por esta razão elegeo o servir, & padecer ainda, pedindo as mortificações como premio do merecido nas passadas.

Na Cruz do seu appellido se està reconhecendo o immenso desejo que sempre teve de padecer, pois a Cruz nunca deixa de o acompanhar; como lhe serve de renome, parece que só nella fûda todo o seu premio de servir; por isso não padeceo S. João da Cruz só os trabalhos, que o affligirão, tambem sentio a falta delles. Nos trabalhos teve o gosto de elles o fazerem padecer, & na falta dos mesmos trabalhos sentio a pena de não ter occasião de os tolerar. Como buscava as penas por gloria, necessariamente lhe havia de dar a falta dellas a mayor pena. Já me persuado a que, ainda que S. João da Cruz se soube cingir bem com todas as virtudes, como se exprime no Evangelho, com as tribulações se cingio ainda muito mais; porque as elegeo para premio, & teve por gloria o padecellas. Os apertos, & trabalhos, que pedio, não foraõ para merecer outro premio mais, que a gloria de os tolerar. Não os buscou para se lhe premiar o padecellos, senão por padecellos sómente. Quando chego a este ponto, não posso acabar de definir quem he S. João da Cruz. Vejo que não he Anjo na realidade, & parece-me mais que homem na virtude. Os Anjos no Ceo não servem para merecer; porque fóra da gloria que possuem, não ha mais premio que esperar. Alli se manifestaõ servindo: *Omnes sunt ministratorij spiritus*, & alli mesmo os reconhecemos gloriosos. Não servem para alcançar, servem sómente por servir; & porque diga tudo; não servem no Empyrio a Deos mais que pela gloria de o servirem, sem esperança algũa de premio.

E que sendo homem puro S. João da Cruz, emprendesse na terra, & executasse o que obraão os Anjos no Céo! Que sem esperanças de premio servisse a Deos, como se fora espirito celeste! Que servindo só os Anjos a Deos, sem esperar outra gloria, servisse S. João da Cruz só pela gloria de o servir! Obrar como Anjo, sendo homem! Servir como Bemaventurado, sendo viador ainda! Prodigios são que o meu juizo os não alcança. Sei que este glorioso Sinto não he Anjo por natureza, mas parece Anjo não operações; sendo homem na realidade, parece mais que homem no modo de servir; pois nas mortificações, que padece por servir ao Senhor, não quer outro premio mais que a gloria de as padecer por servillo. S. Gregorio Nazianzeno para encarecer a admirável fortaleza daquelles Santos, que padecêrao mais, chamoulhes: *Spirantes columnas*, columnas pelo que sustentaão firmes, espirantes, & vivas pelo que sentem mortificadas? He verdade que são homens, mas pela paciencia não parecem o que são, nem são o que parecem. São vivos, porque tem alentos para sentir; & parecem columnas, porque toleraão, & sustentaão sem desfayar; são vivos, porque sentem o peso das tribulações, ainda que tenham gosto de padecellas; & são columnas, porque as padecem firmes, & constantes, tendo por coroa o sentillas. Mas com licença de todos, a nenhum Santo se pôde accomodar tanto este titulo, como a S. João da Cruz; porque só elle carregou todo o peso das tribulações, só elle elegeo a Cruz por premio, & os apertos por gloria, para nunca deixar de os padecer: *Lumbi praeinerti*.

Aquelle espirito rodeado sempre de afflicções, aquella alma sustentando firme o excessivo peso dos trabalhos, pedindo-os para os padecer de novo, como se nunca os tivera padecido, elegendo-os por premio das mortificações, que primeiro havia tolerado, parece que já morreo para o descanso, & que ainda vive para os sentimentos; está morta para os premios, & ainda tem vida para os serviços. Já espirou para não esperar premio às tribulações, & ainda respira para as padecer, mas por isso mesmo he columna, porque fazendo-o espirar os trabalhos, não sabe aspirar a algum premio; he o *Non plus ultra* da tolerancia, assim na immensidade de mortificações, que sentio, como no singular modo, com que as padecio. Não parece S. João da Cruz humano, como na realidade he, parece mais que homem, tem semelhanças de Divino. Do quarto mancebo, que vio Nabuco na fornalha em companhia dos que mandara lançar nella, disse que era semelhante ao Filho de Deos: *Et*

Gregor.
Naz.

Daniel
cap. 3.

similis ei erat filius hominis species

species quarti similis Filio Dei. Achou que o sentir as molestias por gosto de sentillas, era padecer sem esperança algũa de premio; & que o não busca nas tribulações, que padece, troca as realidades de humano em semelhanças de divino. No mar ha grande semelhança do Ceo; assim o adverte Hugo Cardeal: *Marè speciem Caeli habet*, não só porque o retrata, servindolhe de espelho, para que o Ceo nelle se reveja; mas tambem pelos amargores que encerra, sem esperança de se adogar: he verdade que he mar por natureza; mas parece outro Ceo pela singularidade, que notamos. Corta-se a terra, abre-se com o arado; porém he para se coroar de frutos: esta he a condição de tudo o mais, excepto o mar, que não espera adoçar-se pelos amargores, que sustenta, não tem premio algum que o coroe, pelos dissabores, que lhe achamos.

Hugo
Card.

Sem duvida que S. João da Cruz abriu todo o coração para as penas, & o cerrou de todo aos alivios; sendo mar largo, aonde couberão todas as mortificações, se estreitou de forte, que não admitio algum descanso, nem coube em seu animo esperança alguma de premio. Daqui nasceo a sua promptidão no servir a Deos, sendo o primeiro que se descalçou na refórma. Quem se não admira de ver a S. João da Cruz para as mortificações fervoroso, & prompto, para o exemplo o primeiro, & para o desprezo dos premios unico? Maravilha grande chamou S. João à Mulher do Apocalypse: *Signum magnum apparuit in Celo*, & foi porque vio azas com que elle voou para o deserto, deixando a coroa, & premio, que no Ceo podia possuir. Querer servir sem esperar, até no Ceo he hum prodigio muito grande. Buscar as penas por gloria, até no Empyrio he hũa maravilha muito rara. Deixar a gloria da coroa pelo trabalho do servir, fugir do descanso do Ceo, para as molestias do deserto, he buscar as tribulações por gosto, estimar os trabalhos por premio, & padecer as molestias por gloria, sem querer outra gloria mais que o padecellas. Eu entendo, que na visão do Apocalypse se copiou o espirito deste glorioso Santo. Se as Estrellas são Armas do Carmelo, deviaõ construir diadema a algum São Religioso desta Ordem; mas Santo que se despojou do calçado, nenhum houve nesta Religião primeiro que S. João da Cruz. Elle foi o primeiro que poz em exercicio a refórma, & passou no Ceo do Carmelo do polo da Observante, para o da selidaõ, & deserto da reformada. Que contradicções não sentio, que opposições não experimentou? E que mortificações não padeceo? Digaõ-no as grandes azas que notou o Evangelista na visão: *Ala dua Aquila ubi sup.*

Apocal.
cap. 12.

magna

magna, se as azas constaõ de pennas, muitas teve S. Ioaõ da Cruz, & muito grandes quando passou à reforma. Quem advertir o modo com que voa, ha de reconhecer o excessõ com que padece ; porque as azas, com que voa aquella Alma do Ceo para a solidão, estaõ manifestando as penas com que caminha S. Ioaõ da Cruz de se hũa ao outro polo. Mas de hum Santo, que suspirou sempre tanto por padecer, não podia esperar-se menos accção, que a de voar, para entêdermos, que os voos que dà no mesmo Ceo da Religião da Observancia para a refórma, sãõ penas grandes, que o acompanhão, & excessivas mortificações, que nunca o deixão, & cada vez mais o apertão : *Lumbi praeinerti*.

Porém he justo suspender o voo, a o discurso ; pois conheço q de S. Ioaõ da Cruz só posso começar a dizer, & nunca hei de acabar de louvallo. Accções grandes não pôdem caber em periodos breves. Sê he empreza inutil querer recolher o mar em hũa concha, não he menos impossivel recopilar a vida de S. Ioaõ da Cruz em hum só panegyrico ; mas se a grandesa do mar se não occultã a quem só lhe ve a praya, tâbem a lantidade, & virtudes de S. Ioaõ da Cruz se não poderão encobrir a quem lhe vê sómente a primeira, ella só pôde ser verdadeiro elogio das outras ; porque da extensão das suas mortificações se colhe a numerosidade das outras virtudes, que teve. Supra a copia grande dellas as faltas desta minha oração : que o ouro sempre fica sendo o metal mais rico, ainda que seja menos primorosa a mão do artifice que o polio. Admitti pois, glorioso Santo, o affecto, com que vos venero ; & se minha rudeza deixou diminutos os vossos louvores, ao menos conhecerã o mundo, que dizendo eu quanto pude, não pude manifestar quanto vòs sois. Inluhi em nòssos corações o desejo de vos imitar ; accendei em nòssas almas aquelle amor de Deos, com que sempre o soubestes servir, por servillo sómente, sem esperança de premio, que pelos serviços se costuma alcançar. A mim me dai algũa porção do vòssõ espirito, para que tenha a dita de Eliseu, ainda que não seja filho do Carmelo ; & quando não possa imitarvos a vòs, por ser muito singular, & muito unica a vòssa virtude, imitarei aos que vos seguem, sendo tão observantes da refórma. Alcançainos finalmente para todos muita graça, para servirmos a Deos cada vez mais nesta vida, conseguiremos a gloria na outra. *Ad quam nos perducat, &c.*

LAUS DEO.